

POLICIA

ESTRANHO MUNDO

ESTRANHA PROFISSÃO

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

(Delegado de Policia em São Paulo)

ABORDAREMOS, desta feita, mais que esquematicamente, algumas feições da complexa e intrincada instituição policial, analisaremos, en passant, em passeio de touriste, alguns aspectos ou marcas da nobre e espinhosa carreira de policia, fazendo-o não como quem observa as coisas com a lucidez do olho hostil mas como quem contempla com a clarividência do olho cordial. Diferencia-se, sem dúvida, o olho grego, isto é, o olhar clarividente do olhar hostil, este só aspirando enxergar a face amarga da realidade ou dos fatos e fenômenos, aquele apenas vislumbrando filosoficamente os gilvazes que se abrem na fisionomia dos objetos analisados. Está bem visto, achamos nós, que a critica lúcida é do tipo frio, seco, é de qualidade áspera e dura, do mesmo passo que o estudo clarividente é de essência ou natureza cordata e compreensiva, beirando o limiar da nobreza de intenções, tocando a fimbria da gentileza de propósitos.

É bem certo que não tentaremos discorrer, aqui, acerca das emaranhadas estruturas da organização policial, utilizando-nos da conhecida e deformada "objetividade" do intelectual frio e inumano. Essa objetividade vela ou tolda, em muitos pontos, a inteligência do analista. Devemos, sempre, desconfiar das análises e conclusões demasiadas árduas e elaboradas do cerebral puro, do investigador álgido e sem mescla. Simplesmente horror inspira-nos o olho miope do intelectual sem alma, olho agudo e nitido que de nada se admira, que não se assombra nem se surpreende, sempre desdenhoso, olho duro como o de CATÃO ou CALVINO, personagens sem coração, sem imaginação, sem fantasia, sem simpatia humana, destituídos de ingenuidade e pureza, sem nenhum elemento de cordura e compreensão. O analista "objetivo" não poetiza, não estiliza; investiga com dureza e frieza, vive emparedado ou prisioneiro da secura da realidade tangível; especializa-se em não se deixar levar nem enganar pelas aparências. O critico de olho frio, lúcido é insensível, aprecia, sem se mexer, "os crimes mais repelentes como se fossem

"acontecimentos dos mais triviais."

Neste breve ensaio o que empregaremos, efetivamente, é a luz que dimana da inteligência benigna, compreensiva, risenha, esforçando-nos para criar a leveza de análise que tanto agradava aos gregos amáveis e benévolos da antiguidade clássica.

O tempo não conseguirá apagar nem embaciar o nosso vivo interesse pela Polícia, a qual já servimos por mais de trinta anos; jamais contribuiremos para falsear os fatos em torno dessa instituição, jamais criaremos uma imagem falsa, postiça, artificial e até espantosa da Polícia, como é feito de muitos, de muitos que só a esvaziam com críticas impiedosas, irracionais, sem base, desconhecendo por completo o que realmente se passa nas entranhas, nas profundezas vivas, nas raízes subterrâneas, nos tecidos mais profundos dessa importante e magnífica instituição social.

II - PERFIL DA POLÍCIA MODERNA

A Polícia, como instituição social moderna, data do século XVIII, desenvolvendo-se principalmente depois do advento da Revolução Francesa. Sem dúvida, a Polícia é de criação francesa, assim como a própria Democracia, considerada como fenômeno político moderno, é de criação norte-americana. Antes das inovações e conquistas revolucionárias da França o que havia, no que tange à organização policial, eram rudimentos de organização, eram fragmentos orgânicos desarticulados e esparsos. Nada havia de planejado, codificado, estruturado —; era assim a polícia entre os gregos, entre os romanos, na antiguidade.

Concluem os estudiosos, os doutos e competentes que a Polícia só se transformou num aparelho de real eficiência social a partir do século XVIII. Antes, tudo era grosseiramente empírico, a defesa social não era eficazmente orientada e planejada. Somente na Idade Moderna veio a Polícia a constituir-se num corpo dinâmico e vivo, num corpo dominado por um pensamento vivo; uma instituição orgânica, um mecanismo de rodagens precisas, um mecanismo de funcionamento efetivo e prático, científico e técnico, com objetivos nitidos e claros, com finalidades legalmente definidas e que são, sobretudo, as de legitima

defesa da sociedade e do Estado contra os ataques dos criminosos, contra as agressões perturbadoras dos elementos existentes na antissocialidade criminal, na marginalidade criminal solitária ou coletiva, organizada em bandos ou quadrilhas ("crime organizado").

Criticas severas e inoportunas têm, frequentemente, assestado golpes na organização policial, afirmando que ela tem desvirtuado os seus escopos essenciais. Contudo, tais criticas e verrinas, algumas vezes acertadas e procedentes, geralmente encontram repulsa no pensamento popular, porquanto é certo que o povo continua acreditando na sinceridade e honestidade do trabalho da Policia, continua reconhecendo que muito deve aos abnegados serviços prestados pelos policiais, aos sacrificios diários que centenas de homens desenvolvem para proteger a sociedade, para defender e preservar a ordem pública.

A Policia é, sem dúvida, imperfeita. Mas bem longe estamos, em todos os sentidos, da perfeição da Idade de Ouro!... Até lá muita coisa será feita...

Como qualquer instituição humana ressen-te-se a Policia de imperfeições, falhas, lacunas inevitáveis. Está para ser criada a instituição social que seja perfeita, adequada, de funcionamento exemplar, que ostente a pureza das essências matemáticas, integralmente isenta de dura servidão das fraquezas humanas. Tal perfeição, decerto, jamais será encontrada no mundo dos vivos, visto que pertence, de direito e exclusivamente, ao mundo das realidades divinas ou transcendentais.

Entretanto, apesar de todos os seus defeitos e falhas incontestáveis, é a Policia um dos mais importantes e soberanos organismos de defesa do bem público e individual. Sem flutuar nas altas nébulas da metafisica, podemos asseverar, citando os versos de "A Tempestade", de SHAKESPEARE, que a Policia não vive em "terra estéril, coberta de charnecas"; "mil nervos (nela existem) a dar vida a esse imenso corpo palpitante". Não é a Policia um barco apodrecido e desmantelado a vagar nas águas sociais, senão um possante e enérgico aparelho a sustentar o poder politico e social do Governo.

Tradições persistentes e nobres têm mantido o justo e bom nome da instituição policial, apenas por vezes solitariamente manchado

pela acção insensata ou conduta irregular de algum mau policial. A tradi-
 cção da Polícia — tanto a civil como a militar — tem, ^{invariavel-} ~~invariavel-~~
 mente, sido de fidelguia, trabalho, eficiência, pericia, destemor, espi-
 rito de sacrificio à causa pública e particular. Sua história é feita
 de páginas bonitas e perfeitas, lindos episódios nos quais policiais
 esquecem-se de si próprios e morrem em defesa do direito alheio. Alta-
 mente formoso e belo é, sem dúvida, esse espectáculo constante do leal e
 puro cumprimento do dever, ^{dos outros.} do esquecimento dos próprios interesses e
 viva lembrança do interesse ~~alheio~~. A honestidade e a retidão, a decên-
 cia, o brio e a compostura têm sido os apêngios da maioria dos poli-
 ciais, seres que são geralmente ativos, destemidos e cordiais, nobres
 pessoas inteiramente votadas ao serviço social, ao bem público, absolu-
 tamente esquecidas de receber recompensa ou gratidão, integralmente con-
 sagradas ao combate ao crime, à luta tenaz contra a raça repelente dos
 marginais, à raça vil dos antissociais de toda a lei, gente perversa,
 vil e desprezível. A criminalidade é ^{monstro} ~~monstra~~ pífido, Minotauro, monstro
 abjeto e hediondo, que ameaça esmagar a coletividade, que a Polícia per-
 segue dia e noite.

III- POLICIA E EXERCITO

III - POLICIA E EXERCITO

O estudo, a análise, a observação da realidade permitem-nos
 asseverar, sem receio de erro ou engano, que a Polícia e o Exército são
 os pilares, os esteios da ordem, são os sustentáculos do poder político
 da Nação no Estado Moderno.

É este um enunciado importante, basilar e especialmente ver-
 dadeiro, visto que, sem Polícia e sem Exército, é seguramente certo
 que nenhum Estado político sobreviveria. Não cremos que haja por aí
 um ente cuja obtusidade seja tão ^{granítica} ~~granítica~~ a ponto de divergir ou dis-
 cordar deste item ou tópico de nossa explanação.

A despeito de pertencermos às fileiras policiais, como disse-
 mos há momentos, nossa crítica é isenta de parcialidade, de "parti-
 pris"; crítica serena, desapassionada, "livre como o vento nas montanhas".

Sem as forças policiais e castrenses a sociedade política, o
 Estado juridicamente organizado seria uma ficção, não se sustentaria

nem se manteria em pé senão por breve tempo, e certamente mergulharia no caos, ~~na anarquia~~ na anarquia, num estado de última dissolução. Dele só restaria o horrendo espetáculo da desordem; o crime tornar-se-ia, mais do que nunca, uma "permanência social", uma "septicemia generalizada", uma espantosa úlcera social, haveria uma proliferação abismal da criminalidade, e a horrenda cabeça do delito, arrogante, dominaria a tudo e a todos. O terror se espalharia por toda a parte, por todos os cantos e recantos da sociedade. A sociedade inteira converter-se-ia numa imensa coleção de águas estagnadas, de charcos, pantanos e lamaçais, e nenhuma nobreza ou dignidade ou qualidade humana conseguiria sobreviver, toda a decência e todo o respeito morreriam. Não haveria lei alguma para reger ou regular e estabelecer a paz, a harmonia e a concórdia nas relações humanas; os direitos feridos e violados não seriam restaurados, por ausência ou falta de órgãos competentes para isso. Tudo se tornaria fôfo, repulsivo, primitivo, primário, excessivamente próximo ao que a mãe Natureza tem de mais ruda. Morto ARIEL, reinaria CALIBAN...

Uma sociedade sem Polícia e sem defensivas forças militares não é uma sociedade; é um conglomerado caótico sem condições de sobrevivência, de duração temporal. Podemos ver claramente isto com os olhos da imaginação: uma sociedade despolicida, entregue às forças elementares e instintivas dos indivíduos e dos grupos humanos, é um estado de coisas espantoso, suficientemente cru para assustar a imaginação menos viva e sensível.

Uma sociedade, dotada de amplas, seguras e firmes forças defensivas, é uma sociedade onde brilha e impera o espírito da ordem, o justo, e equânime "espírito das leis"; a cabeça horrenda do crime é abatida, ou quase decapada, são praticamente afastados o Minotauro detestável da desordem, o horror das trevas, a escuridão tenebrosa do tempo de iniquidade. O domínio da sociedade deve ser exercido pela nobreza e inteligência dos legisladores, pelo espírito dos "prudens" e dos sábios juristas, pelo descortino dos "homens bons", pelas prudentes autoridades civis e militares, que devotam a existência a combater a vileza mortífera dos criminosos, dos empedernidos delinquentes que se arrastam pelo sub-solo social como cães rastejantes...

Uma sociedade, enfim, sem Polícia e sem Exército, gera um ~~REX~~

cenário atterrador, um espetáculo que terrifica; só em pensá-lo, em imaginá-lo, vacila a razão, trememos aterrorizados, abelamo-nos em calafrios...

Tal é o que se pode fantasiar, sem frivolidade, em linguagem levemente pastoral ou aristocrático romântico de artista, do poeta da ciência, ao se tentar pintar a lamentável situação a que se reduziria uma sociedade sem a defesa das forças policiais e militares.

Adentre-se, porém, o templo onde só se fala a linguagem calma, sôbria e minuciosa da ciência, onde só se ouve o timbre da sabedoria dos séculos e que dissipa a treva pesada e uniforme da ignorância. A ciência e a sabedoria geram a Verdade, cheia de infinito infinito encanto e originalidade, "gota de orvalho brilhando ao sol", jóia fofoica cintilando na escuridão. Sabemos todos, e até com sobejidão,

"pela experiência, que o sustentáculo de uma posição econômica é a base política, a base do domínio, da segurança, do apoio da lei e da organização de força (Polícia e Exército), que constituem os elementos poderosos e eficientes para assegurar o domínio político, sem os quais este não se sustenta." MARIO FERREIRA DOS SANTOS, "Análise de Tomas Sociais", 1ª vol., Ed. Logos, S.Paulo, 1962, p. 164

IV. - POLICIA POPULAR — EXÉRCITO POPULAR

Prossegue em seu ensino, em seu seivoso ensaio o prof. MARIO FERREIRA DOS SANTOS, mestre de economia e sociologia cristãs:

"Não se trata de uma polícia popular (e quando dizemos popular não o dizemos no sentido de que certas pessoas o empregam; ou seja, formada de homens do povo para assegurar o poder dos nossos senhores. A polícia e os exércitos populares são formados pelo povo, e não pelos representantes do povo. É o povo organizado como tal, sem perder as ligações com a própria

sociedade, e não castas à parte, separadas da população, com a qual muitas vezes nem vínculos de família possui pois como se sabe, em muitos países, os homens fazem seu serviço militar em regiões remotas para que não haja laços comuns com a população, e possa considerá-la de certo modo estranha).

E nem é só, consoante a substancial e sádua análise, colhida no inestimável volume que estamos compulsando e seguindo nestas páginas:

"O Exército e a Polícia, desligados da população, como organismos à parte, são os melhores esteios dos poderosos. E mesmo aqueles que prometeram alcançar o poder, como LENINE, acabar com o exército e a polícia, terminaram por organizar um super-exército e uma super-polícia.

"Enquanto a Europa estava dividida em pequenos países, estes eram mantidos por pequenos exércitos. À proporção que se formaram as grandes nações, impunha-se a uniformização do exército, que é um consumidor poderoso e absoluto. Uniformização na indumentária, na armamento, na administração exige uma produção em massa. Inevavelmente, a formação dos exércitos nacionais provocou a formação da grande indústria concentrada."

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS, op. cit., p. 165

Tudo muito real, muito verdadeiro. Mas, entre nós, no Brasil, a fisionomia da situação nacional apresenta semelhança com a dos países do continente europeu? Não, evidentemente. A resposta a esta pergunta ^{cuja} sendo fácil de adivinhar, como salienta o denso e claro escritor ^{cuja} livro temos diante dos olhos:

"Façamos justiça ao Exército Brasileiro, que não usa tais métodos. Os jovens servem nos locais e nos Estados em que nasceram. Assim também em geral a polícia militar e a civil."

Dessarte, não há, no Brasil, nenhum odioso parentesco, nenhuma paixão adúltera mantida entre os representantes do domínio político e os representantes das forças defensivas da sociedade. A Polícia cuida da manutenção da ordem e segurança internas da Nação; o Exército preocupa-se com a manutenção da ordem e da segurança externa ou soberania da Nação. Por vezes, em casos de desordens e tumultos sérios, o Exército é chamado a colaborar no restabelecimento da ordem e da segurança internas. Ameaças e perigos à estabilidade do regime, à subsistência das instituições públicas são assunto tanto da Polícia quanto do Exército.

E ainda mais deve ser registrado aqui: em nosso País, os órgãos de repressão do crime e de dominação política e social, que são, indubitavelmente, a Polícia e o Exército, não oprimem nem tiranizam o povo em geral nem o indivíduo em particular, limitando-se a controlá-los em seus justos limites legais, defendendo-os e protegendo-os, garantindo-os, além de manter a ordem democrática em todo o território nacional. Não há falar-se, portanto, em nenhum sentido, na existência, aqui, de opressão política, de tirania governamental; o que há, simplesmente, é a legítima defesa social do Estado contra os inimigos seus e da sociedade, a "eterna vigilância" das forças civis e militares encarregadas de manter a estabilidade e vigência pacífica das instituições.

Numa palavra: estamos, aqui, infinitamente longe da polícia ditatorial, do exército tirânico, que existem em certos países da Europa e do Extremo Oriente — isto é, organismos fechados, misteriosos, sinistros, e que operam como terríveis "organizações da tortura", da crueldade científica, "negros instrumentos de terror", com uso indiscriminado até de "violência química", "lavagem cerebral"...

V - IDEAL DE UMA BOA E EFICIENTE POLÍCIA

Diremos, logo de saída, firmemente persuadidos de que só devemos falar com acerto e propriedade, que uma polícia unicamente ~~repressiva~~ ^{fard} ~~repressiva~~ ou título de boa e eficiente se por ventura for atualizada. Polícia atualizada é polícia tecnicamente bem aparelhada, materialmente dotada de todos os meios e recursos capazes de levá-la à plena realização de seus fins, à completa e perfeita concretização das finalidades

que lhe são adremente fixadas em pré-determinadas em lei, em regulamentos. Numa palavra: policia atualizada é policia motorizada, bem armada, bem equipada, apta a empregar, a qualquer momento, na luta tenaz contra o crime e a contravenção, as suas potencialidades orgânicas, o seu vigor institucional, o seu desempenho fisiológico.

Para sermos mais claros e precisos, ~~cumprenas~~ salientar ou conferir o devido realce ao fato de que todo o poder da Intelligentsia policial deve ser posto a serviço de um aparelho material fortemente ou solidamente estruturado. A fisionomia realista dos problemas policiais, se analisada in concreto, revela, desde sua raiz ou desde o seu principio, que, se desservida de poder material e técnico adequadamente sólido e possante, a Policia nada poderá fazer como órgão combatente do crime e da contravenção penal. Unicamente uma Policia possuidora desse brilhante poder material e técnico ou científico estará em condições de tentar esmagar a horrenda cabeça da criminalidade, individual ou coletiva e "organizada", criminalidade que, em nosso agitado e tumultuoso tempo, bem vêem todos que se adensa, se avoluma e se intensifica, assustadoramente, sobretudo nas grandes cidades ou metrópoles (metrópole, consentâneo e unânime ensino dos economistas e urbanistas é a cidade com um milhão de habitantes em diante).

Uma Policia falha, de recursos precários, sem meios materiais adequados, imperfeita na sua organização interna e externa, vagarosa ou exclusivamente feita a pé, sem aparelhamento técnico-científico a altura dos tempos, sem laboratórios de pesquisas técnicas não estará, evidentemente, em condições ideais para enfrentar o criminoso moderno, o delinquente atual, astuto e vulpino em sua inteligência criminogênica. O criminoso de nossos dias, toda a gente vê ou percebe isto facilmente, é ousado, inteligente e sagaz, acompanha o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, tenta igualar e amido supera os agentes normais ou comuns de policia, sustentando com a policia de Estado uma batalha sem tréguas, sem desdando, a começar por igualmente motorizar-se, ~~equipar-se~~ equipar-se materialmente, a emparelhar-se nos homens da Policia, nos G-men em "potencialidade de tiro". Henson, mesmo, alguns estudiosos da policilogia contemporânea, que já existe, entre as forças positivas

da lei e as forças negativas do crime, um certo e indesejável equilíbrio, uma perigosa e ameaçadora flutuação entre eficiência de ataque e defesa tanto por parte dos criminosos ^{como dos} ~~maximas~~ facinorosos e celerados que hoje, mais do que, infestam a sociedade.

Uma policia desprovida de aprimorados meios de ataque e defesa não poderá entrar, eficazmente, na luta universal contra o crime; para realizar tal desiderato cumpre que os governantes dotem-na de adequados aparelhamentos mecânicos e fisicos de análise, observação e pesquisa; não contando com tal apuro de recursos científicos ela, certamente, ~~poderá~~ ^{poderá} passar a operar in vacuo, estará, por certo, fadada a agir apenas no terreno das abstrações. Será, fatalmente, uma Policia invertibrada, improficua, ineficiente, de notável inoperancia. Não será mais que uma péssima ou má organização, predestinada ao insucesso em suas tarefas e trabalhos especificos; estará condenada a ser instituição esvaziada, sem conteúdo, desossada, com risco de volatilizar-se em não sabemos que empíreo abstrato.

Pensemos nisto: Nada estaciona; ou as coisas progridem ou retrogridem. Nada permanece, indefinidamente, no mesmo estado ou na mesma situação. Destarte, ou a Policia evolui, num esforço de atualização constante, ou sofre um retorno, e aí um retrogradação inevitável. Não se creia nem é possível que ocorra uma estagnação, uma paralização, no tempo e no espaço, dos métodos e processos policiais; segundo o sistema, segundo "a força das coisas", como dizia SAINT JUST, ou a Policia segue um movimento destrógiro (para diante) ou obedece ao impulso de um movimento sinistrógiro (para trás).

A tecnociologia, a ciência aí estio, cada vez mais adiantadas e progressivas, para pautar e determinar o avanço ou a evolução da Policia em todos os países.

VI - NECESSIDADE DE UMA BOA POLICIA

Conferimos, há momentos, um extraordinario realce ao papel da policia de carreira, policia que deve, sempre, tornar-se notada por ^{um} ~~seu~~ soberbo profissionalismo.

Tenha-se sempre presente ao espirito, sempre escrita no ácrân

da imaginação, gravada nas paredes da memória a advertência de que a criminalidade moderna não é coisa "para ris", não é assunto para brincadeira, porque é, uma delinquência deveras temível, audaciosa, arrojada, mortífera, sangrenta, uma criminalidade "científica" em seus meios e modos de execução, desafiando sua dia e noite as forças organizadas da legalidade, do Estado de direito, democrático. Tal delinquência, atrevida, esperta, sumamente insolente, não vacila em cometer os crimes mais hediondos, mais abjetos e monstruosos, indo até as formas fantásticas de horror, nas quais os delinquentes, obstinados e frios, seguem as piores sugestões do genio do mal. Neste particular poderemos afirmar, com segurança, sem receio de errar ou exagerar, que

verdadeiras bestas-feras existem à solta por aí, protegidas pelo manto de tolerância de nossa formação humanística, de nossa piedade mística e religiosa. Animais selvagens ou bandidos de consumo primitivismo, facinorosos sanguinolentos, celerados astuciosos e sem alma, sem um pingote de consciência, que vivem e respiram ao nosso lado, o que, como disse JUNG, são "protegidos por nosso humanitarismo e nosso humano sentido de justiça".

Ninguém ignora mais que a violência campeia por todos os cantos e recantos da sociedade. Nossas cidades, quase todas, podem ser chamadas de "cidades violentas", cidades da crueldade, cidades desumanas. A criminalidade que aí se desenvolve é esquelética e brutal, repugnante e desalmada, os criminosos sendo dotados de instintos piores que o dos próprios bichos do mato, que apenas matam para saciar a fome e não sem necessidade, por prazer, por esporte. A criminalidade de nossa civilização assusta, apavora porque é gratuita, muitas vezes (gratis data, dada de graça, como se diz em boa e má teologia). Criminalidade, enfim, que causa vertigens à imaginação do homem comum, do homo constantissimus.

Do que acabamos de expor decorre, naturalmente, a conclusão de que é necessário formar-se com cuidado o combatente do crime, o homem da lei, destinado a enfrentar a delinquência. O bom agente da lei, como deixamos evidenciado mais acima, deve ser técnico e cientificamente

esclarecido, culto, apto para um soberbo desempenho profissional. Isto é absolutamente necessário que ocorra, porque, em caso contrário, a multiplicação ou proliferação do mau policial, do policial inepto, incompetente provocará a degradação da Polícia, a desvirtuação do organismo policial, criará o rebaixamento da missão social essencial do órgão de repressão, engendrará, deletoriamente, a deterioração ou gradativo enfraquecimento do mais importante órgão de defesa da sociedade. O esmorecimento paulatino das energias vitais da Polícia é uma realidade triste, emergente, que deve ser evitada a todo o custo; uma realidade decepcionante e insuportável que atrairá sobre si justos protestos e merecidas críticas da imprensa e também do público mais compreensivo e avisado.

O que realmente temos frisado sempre é a necessidade de dar ao policial um grau mais elevado de conhecimento tecnológico e científico, a fim de que possa ele atualizar-se, pôr-se em paridade com o desenvolvimento acelerado da criminologia contemporânea. De outra forma, insistindo noscamente em permanecer fora ou alheio ao avanço da técnica e da ciência criminológicas, conseguirá ser talvez um policial simpático mas certamente inoperoso, inútil, estéril. Será, decerto, um policial encanecido mas ineficiente, morto, imprestável. Um agente da lei gentil, porém falho, sem valor, fraco. Um policial desligado das realidades de sua profissão, desqualificado para o exercício das suas funções. A bem dizer, um policial "antinatural" (ou "sobrenatural").

Uma autoridade "sobrenatural" — talvez seja esta a melhor forma de se qualificar, por exemplo, uma autoridade policial desligada de senso técnico e científico de sua profissão. Tal é a elementar verdade ou a técnica de nossos modestos escritos e ensaios de natureza policial, esvaziando de modo cínico o policial sem cultura, miope, vesgo, estigmatizado.

Bom policial é o que enfrenta, com superioridade intelectual, a sinistra pericia no crime que, geralmente, ostenta o profissional, o reincidente do delito. Sem apurado senso, aprendido nas ciências físicas e naturais, torna-se mais difícil combater a perigosa rã que prolifera nos subúrbios da cidade, nas piores partes da cidade. A organização policial sente falta de agentes inteligentes, de policiais com disciplina

e rápidos de raciocínio, dotados de mentalidade lógica, realista, objetiva.

Precisa a Polícia não propriamente de numerosos mas sim de verdadeiros policiais. Os serventuários da Polícia não precisam existir em elevado número, mas que as poucas unidades humanas existentes sejam puramente, autênticas, cem por cento.

É urgente que o "exército da lei" ultrapasse, em eficiência, o "exército do crime". Já vimos em linhas precedentes, que há um equilíbrio de terror entre delinquentes e agentes da legalidade; as forças negativas e as forças positivas da sociedade enfrentam-se e temem-se mutuamente, devido ao apuro ou preparo técnico para o ataque e para a defesa, tanto isolada como coletivamente. A prova disto é que tem havido e continua a haver constantes e mortíferos tiroteios entre policiais e marginais. O citado equilíbrio de forças deve-se, em máxima parte, à contribuição da tecnologia, pois os criminosos fazem largo e frequente uso de armas modernas, veículos motorizados rápidos, instrumental aperfeiçoado para a execução dos delitos...

Apenas os bons policiais, respeitadores da lei e dos direitos e garantias individuais, podem criar e desenvolver uma força favorável, de caráter público ou popular, para a sua bela instituição. A este propósito ouçamos o que diz um humanista contemporâneo, tão generoso quanto liberal:

"As autoridades não têm o direito de recorrer à violência e, através desta, ferir ou matar manifestantes pacíficos e legais. Devem as autoridades repressivas corrigir essas tendências maléficas que essencialmente as desnaturalizam. Sua principal preocupação é com a manutenção da lei e da ordem, o que é compreensível, já que isso é o compromisso assumido com a comunidade. As autoridades porém são passíveis de justas críticas se os agentes por elas empregados para a manutenção da lei e da ordem usam de desnecessária repressão e, mais ainda, se elas considerarem sua obrigação de restabelecer a ordem como uma oportunidade para desencadear um indiscriminado repressão e supressão dos direitos humanos fundamentais.

Arnold TOYNBEE, "A Sociedade do Futuro", trad. de Colina Whately, Zahar Ed., Rio, 1973, p. 32

A força policial-militar é permanente, é, como dissemos mais acima, uma "permanência social". Sua necessidade está plenamente justificada: "Os seres humanos são irracionais e turbulentos; alguns são mesmo criminosos; daí a necessidade de um governo e este precisar de uma força física à sua disposição para, em última instância, defender sua autoridade." A. TOYNBEE, op. cit., p. 162.

É enorme o trabalho da Polícia numa cidade moderna, que é, como já vimos, uma "cidade violenta". Este colossal ajuntamento de pessoas e gerado trabalho monótono, psicologicamente desagradável e causador de enfado. Ruas e escritórios são superpovoados, há um barulho infernal, os congestionamentos do tráfego são constantes; "as frustrações de nossos ansiosos fazem parte da vida da cidade". A cidade é neurótica, agressiva, impaciente. "A monotonia e a estafa psíquica são causas, talvez as principais, de agressão, violência e inconformismo que caracterizam o mundo atual." A. TOYNBEE, op. cit., p. 105

Tem-se empregado à cidade moderna, polvo tentacular, desumano, a metáfora ou cognome de "selva de pedra", floresta de asfalto. Esta imagem literária, se bem me lembro, foi descoberta e usada pela primeira vez por Bertolt BRECHT, em seu teatro de tendências revolucionárias (marxistas). Desde aí ganhou flores de cidadania em todas as dissertações que se fazem e se fazem em torno das metrópoles e megalópolis modernas. Contudo, este modo de encerrar as coisas evidenciou-se ser falso, com a "desmistificação dos animais" e de sua selvática crueldade. Presentemente, os estudos feitos pelos esclarecidos pesquisadores da sociologia ^{dos} animais têm demonstrado a impropriedade do termo "selva" para designar a "desumanidade" da cidade atual. Melhor dizendo, - é um insulto feito aos animais atribuir-lhes a gratuita e até imotivada crueldade dos seres humanos, que se entretêm por prazer, por esporte. Os animais em efet não se exterminam uns aos outros em guerras sangrentas e inúteis, nunca são deliberadamente violentos, intencionalmente cruéis, não agem por puro rancor, vingança, como fazem os seres humanos. Só os homens foram, agredem e matam sem necessidade e sem motivo. O "crime gratuito", referido por GIDE, é uma triste realidade,

não é uma concepção ou criação fantasista de uma imaginação de artista, de romancista.

Mas... voltemos ao tema, que abandonamos por um momento, do "bom policial".

Bom policial, não vacilamos em afirmar, é o que é também bom criminólogo. Se ele for um cientista social desempenhará a contento as suas funções. Deverá ele meditar e aprofundar o conceito do "Todo da sociedade". "A relação entre o todo e suas partes está longe de ser um problema simplesmente filosófico." Tal é a enérgica afirmação de FRITZ PAPPENHEIM, que continua com estas noções iluminadoras:

"Existe agora maior aceitação do fato de que a compreensão do Homem requer uma visualização dele como um todo, de que os problemas da sociedade devem ser vistos ~~como~~ não como "uma confusão de detalhes" mas como "partes correlatas de um único todo". No campo da criminologia, por exemplo, vários livros recentes mostram a impropriedade das tentativas de ligar o crime a patologias específicas, pessoais ou sociais, em lugar de ligá-las a alicerces da sociedade." FRITZ PAPPENHEIM, "Alienação do Homem Moderno", trad. de Luiza Sampaio, Ed. Brasiliense, S.Paulo, s/data, p. 106

Atente-se, igualmente, para a tese, evidentemente atual, de ROBERT S. LYND, em seu livro tão cheio de interesse, "Conhecimento, poder, que?", livro onde põe em evidência que existe, hoje, uma "crescente insatisfação por com processos que desmembram a existência e as atividades do Homem num número de campos aparentemente separados". No campo criminológico EDWIN SUTHERLAND dá lustre a esta tese, em seu clássico estudo White Collar Crime. O autor foi mestre de sociologia criminal na Universidade de Indiana, U.S.A.

Orá bem! sem a energia fecunda desses e outros aprofundados conhecimentos científicos policial algum logrará agir com acerto e proveito, no deslinde das questões de sua profissão. Desprovido de inteli-

inteligência operacional, lógica o cropdsculo fechar-se-á sobre ele, antes que possa ter resolvido qualquer problema, dos muitos que lhe são propostos diariamente. Sem ciência e sem técnica sempre estará inclinado a dar por resolvido o que entretanto não está resolvido. "Por" o carro na frente dos bois." Seu modo de operar será de nível grosseiro de empirismo, de "detetivismo", de "faro" ou "palpite", pelo que poderá ficar conhecido como "policial olfativo". Preocupar-se-á a maior parte do tempo com frioleiras, com generalidades ou pluralidades sem importância; tenderá a "resolver o problema" antes de o ter proposto seriamente", terá a inclinação de "afirmar, antes do exame, que tudo o mais é letra e morte."

Convertemos este momento em afortunado momento para fazermos, juntamente com os espiritos bem intencionados, uma "pologia" sincera e um impetuoso defesa da instituição policial. Aqui erguemos nossa débil voz, engrossando o côro dos defensores e panegiristas ~~da~~ Polícia, protestando contra os que, insidiosamente, permean a decomposição moral e intelectual dessa nobre instituição, criticando com aspereza e quase aos gritos contra os que se não incomodam nem se preocupam com sua manifesta queda de produtividade e eficiência. Em certo sentido e em alguns setores policiais, torna-se evidente que é possível ter-se no papel, teoricamente estabelecida, uma polícia eficiente, operosa, eficaz, muito útil à coletividade. Porém, é certo também que, na prática, no campo experiencial, na inelutável positividade da vida, tudo poderá ser diferente, oferecendo um quadro que contradiz o que está no papel ou nas intenções. "Chegamos então ao absurdo de uma realidade prática diferente daquilo que pregamos teoricamente."

Podemos afirmar, com convicção, que esta disparidade, esta dissidência entre teoria e prática ocorre por falta de preparo intelectual dos policiais que executam as ordens de seus superiores. Teoria e prática não se compaginam, não andam juntas sobretudo por carência de instrução dos agentes encarregados de cumprir ordens ou determinações ou planos elaborados pelos chefes.

Agora, no remate destas desbotadas considerações, tenhamos a coragem de dizer a verdade: Uma instituição que não cumpre as suas funções essenciais, as suas finalidades primordiais, para as quais foi abrev

criada, e, naturalmente, uma instituição deente, felida, ou ferida de morte. Uma instituição ferida no coração, golpeada em sua substância mais profunda. É, sem sombra de dúvida, uma instituição em franco processo de deterioração, em lenta desintegração, em gradual decadência, rumando na direção de seu estágio final de vida, de sua esdaverização, tornando-se então de todo imprestável.

POLICIA - ESTRANHO POLIEDRO PROFISSIONAL E HUMANO

UBIRAJARA ROCHA

(Delegado de Policia em São Paulo)

I - POLICIA E GOVERNO E LIBERDADE INDIVIDUAL

Não se arreceiem nem se assustem: seremos fiéis à nossa intenção básica de discorrer aqui, brevemente e "corrente calamo", sobre um pérfido e provocante problema de nosso tempo; seremos leais ao nosso intimo propósito de versar ligeiramente, sem ridiculas pretensões ou grotescas veleidades de sermos um filósofo com aspirações à profundidade, um dos temas que mais ceulemas tem levantado no campo das cogitações doutrinárias e que constitui preocupação central, mesmo abigmal de nossa época, qual seja o da precisa e exata fixação das relações entre Policia e Politica, entre Policia e Governo, entre policia democrática ou juridica e policia ditatorial ou arbitrária.

E aqui temos, bem diante de nossos olhos, a viscera cruenta e palpitante de nosso referido e cativante problema; temos aqui, bem ao alcance de nossa mão, a bem dizer manualmente apreensível, firmemente desenhado ou esboçado a lápis forte, o espectro de nossa aludida e momentosa questão, que gira misteriosamente em torno de conflitos e lutas (polemos) de especulações que dramaticamente se suscitam e se travam entre os conceitos de liberdade e autoridade, entre a arbitrariedade e o direito individual, entre o capricho e o arbitrio estatal de um lado, e a dignidade ou soberania moral, ou ainda independência espiritual da pessoa humana, de outro lado.

Gisaremos nossas perfunctórias considerações em tom superficial, sob a delgada pelicula de um tratamento jornalístico do tema, através de um exame meramente intelectual e portanto sem profundeza. Dissertaremos, logo de saída, sobre uma monstruosa elaboração conceitual e teórica a que se tem dado a designação de "teoria da violência", detestável argamassa ou conjunto sociológico de prescrições politicas, hediondo feixe de ordenações brutais, que esmagam e estrangulam a li-

liberdade moral e física do indivíduo, nos modernos regimes ditatoriais e liberticidas.

Nas ditaduras modernas, ninguém duvida disto, a polícia é um organismo sinistro e fechado, instrumento criado para uso diuturno de tiranos que só se mantêm no poder à custa da imposição à nação de uma disciplina férrea e despótica. A polícia, em tais países, em que o indivíduo é sistematicamente submetido a essa dura servidão, a essa disciplina de ferro, não passa, na verdade, de um "negro instrumento de terror". É sobretudo e principalmente pelo terror que a ideologia devoradora do partido político dominante abraça, rege e domina a vida e o destino do indivíduo. Já não restam nem são admissíveis no país os "patriotas" e sim os "partidotas". Ora, o que há de claro, de nítido e formal, até para os mais cegos, é que polícia e terror, na dinâmica ou na fisiologia das democracias puras, são termos que organicamente se contradizem, visceralmente se repelem, são conceitos violentamente contraditórios, noções que se excluem impetuosamente e reciprocamente. Há, entre eles, sem sombra de dúvida, um hifen de mortal separação, um mútuo e incurável antagonismo, um choque visceral, um conflito intestino que os fazem debater-se numa discordância sem cura e sem remédio.

Para tudo dizer, sem rodeio e sem rebuscamento formal, esta pretendida e pré-falada "teoria da violência organizada" é uma aberração selvagem, um verdadeiro monstro jurídico e institucional. É uma teoria nascida no ventre da patologia política, apenas inventada para imperar em infelizes porções geográficas e territoriais deste "lamentável planeta". Não é mais que uma caricatura disforme do que deve ser, em realidade, a verdadeira polícia, a polícia genuína, jurídica e democrática, a polícia sem violência e sem arbitrariedade, a polícia por que assim o digamos, idealista e humana que com energia governa e disciplina os povos livres.

A polícia draconiana dos regimes sem freios morais e jurídicos timbra ou esmera-se em "degradar" o indivíduo, em subtrair-lhe a "dignidade", em despojá-lo de sua personalidade, em torná-lo "coisa",

existindo ou circulando entre "coisas". Aniquila o único universo possível, que é "o universo dos homens", segundo VERCORS pensava muito justamente. "O homem é uma coisa sagrada, pois há nele uma "qualidade de homem que é preciso salvar da degradação", afirmava o autor do Silêncio de la mer, em um dos seus momentos de maior inspiração humanística. Ninguém pode esquecer os quadros de desumanização da polícia nazista, ninguém pode apagar a visão das crueldades hitleristas, do "diabólico empreendimento de degradação humana conscientemente iniciado por HITLER." Tal polícia compraz-se em praticar "crimes contra os homens", em criar um "inferno humano", em destruir a "significação do homem e do seu destino", em forjar etapas de horror; polícia, enfim, que se esforça em transformar a criatura humana em "cadela abjeta", em converter a todos em farrapos; "um farrapo não é mais nada."

O que a polícia tirânica pretende é levar o homem ao desespero, é tirar a essencialidade do homem --- é fazer "o homem perder a sua qualidade de homem". É promover "a descida do homem aos infernos", é alojá-lo ou encurralá-lo na "mansão dos mortos", é atirá-lo ou conservá-lo "nos campos da morte lenta". É, sem dúvida, uma "polícia científica", mas sua ciência é abominável e "tem o desprezo como fim e o homem como meio"; nem o ser de alma mais dura, inviolável, o ser de dureza mais diamantina poderá resistir-lhe, sobrepujar os castigos que ela inflige. "Essa ciência do desprezo, praticada com diabólica precisão, logra esvaziar inteiramente o ser de toda resistência espiritual." É o reino do horrível, "apenas horrível, espantosamente horrível"; o horrível que leva o homem a desprezar-se a si próprio, a se converter "num cão rasteiro". Tudo ali funciona como um "câncer que devora os órgãos", esvaziando monstruosamente a "sagrada substância humana".

"As palavras de Hamlet, que VERCORS aplica ao clima perpetrado pelos verdugos nazistas, são justas, pois se comete aqui "o crime mais negro que se pode conceber: o assassinato de uma alma." Ele não pormenorizou esses horrores para excitar o ódio contra "os outros", mas

para clamar o seu desespero diante das ignominias a que os homens se entregaram.(...)Nunca o homem, a qualquer civilização que pertencesse, cometeu crimes semelhantes: os prisioneiros empalados, os montes de cabeças dos vencidos que os reis da Assíria lançavam, em sua minuciosa contabilidade, no ativo ^{das} ~~de~~ suas glórias, demonstram que o inimigo que degrada o homem, que emporealha a sua face sagrada está no ser que perde o respeito pelo homem. (CHARLES MOELLER, "Literatura do Século XX e Cristianismo", vol. III, trad. bras. de Augusto Sousa, Ed. Flamboyant, S.Paulo, 1959, 377 a 392).

Para um homem, que tem "qualidade de homem", ser esbofeteador é aviltação inexprimível. Bater na face humana é a suprema afronta supremo ultrage, injúria sem nome porque o rosto ou a face do homem é o rosto ou a face de Deus!

Que outros suplícios ou crueldades os verdugos nazis submetiam os prisioneiros de seus "campos de morte"? Diz-nos VERCORS, com a terrível sinceridade da verdade:

O prisioneiro era como "um animal de matadouro". "As pancadas, as chamadas incessantes para a neve e o vento gelado, a fadiga atroz dos trabalhos estúpidos realizados em vão... As latrinas onde se trabalha enterrado até ^{ao} ventre, e que é preciso limpar com as mãos nuas, depois de ficar acorçado em pelotões obscenos diante das mulheres, do outro lado das cêneas; os trabalhos degradantes, as provas de humilhação... A fome, a progressiva atrofia, o esgotamento... o que se deseja é morrer, e nada mais. A morte... vivemos com ela." (CHARLES MOELLER, op. cit., p. 398).

Ora, nem o mínimo ou o mais pálido vestígio, nem o o mais apagado ou remoto vislumbre desses horríveis espetáculos acima descritos podem ser apontados no mecanismo, na praxis, nos métodos e processos de uma polícia democrática. A polícia, cujo sistema é posto em vigor nos esquemas institucionais dos genuínos e verdadeiros governos democráticos, é humanística, ritmada pelas superiores idealidades jurídicas, trazendo firme e poderosamente arraigado em suas entranhas um elevado respeito pelo homem e pela dignidade humana. Jamais será encontrada a possibilidade de conciliar-se a violência ou o terror com o credo democrático; humanismo e terror, por mais surpreendente que isto pareça, são conceitos que vêm vividamente unidos e expressos na famosa obra de MERLEAU-PONTY, escritor que, como sabemos, é "marxista convicto". Humanismo e polícia, sim, é que são conceitos ou expressões gêmeas, noções indissociavelmente ligadas, umbelicalmente associadas, jamais podendo enviscar-se numa organização policial de essência e estrutura diabólicas, posta ao serviço de uma tirania política demoníaca, funcionando em perverso conúbio com uma tenebrosa política de ódio e de medo.

Sabem, perfeitamente bem, todos os que vivem obsidiados pelo "procura da verdade", todos os que não se permitem descansar sobre certas passageiras ou transeuntes que essa conjunção maldita, que ^{essa} íntima simbiose -- ligação tão estreita quanto uniforme ---, que trágicamente se tenta estabelecer entre polícia e violência, é nimamente, caracteristicamente marxista. Trata-se de um postulado essencial, de um princípio de raiz profunda, de significação radical, sibilamente introduzido na trama teórica e materialista da doutrina de MARX. Postulado ou tese esta que carrega os mesmos vícios e "pecados" da doutrina original ou central; em suma, tese indesejável, impraticável, intelectualmente intolerável, oriunda de um desumanismo denso e insuportável, que "um gênio do mal" legou-nos desde os idos de 1848 e que, espantosamente, para o pasmo justificado de muitos, sobretudo para os espíritos lúcidos e serenos, já conseguiu galvanizar (cloroformizar) a consciência de 800 milhões de contemporâneos!

A concepção de uma polícia brutal ou violenta é ~~concepção~~

substancialmente nutrida pelos agressivos revolucionários "de esquerda", que eles fatalmente empregam, inevitavelmente adotam quando logram galgar ao poder político. Normalmente, usam os terroristas, quando triunfam, justamente o sistema policial que mais combatem; depois da vitória, ninguém será mais feroz ou sanguinário do que eles... É uma norma, habitual ou consuetudinária, da "ditadura do proletariado", da "sociedade sem classes", esposar imediatamente e levar até à hipertrofia os "males capitalistas" que tanto hostilizam... Isto pode ser dito de outro modo, com uso de formas finas e justas, e realmente o tem sido pelos melhores pensadores sociais e políticos da atualidade. Escreveu um interessante e sugestivo crítico de idéias modernas, em estilo sem úlcera, em linguagem cheia de originalidade e perfeição:

"O ponto de vista marxista é aqui característico. Visto ser impossível evitar as violências de qualquer governo, em vez de disfarçá-las caritativamente, tracemos-lhe a teoria, esforçemo-nos por encarar de frente a violência necessária à realização da sociedade sem classes." (CHARLES MOELLER, op. cit., vol. I, 1958, p. 65).

Abrem-se, aqui, naturalmente, as perspectivas marxistas sobre a espinhosa problemática ou crucial relação entre autoridade e liberdade. Aqui todos podem ver, claramente, na grosseira ponta e no ilogismo do pensamento filosófico do marxismo, como "a ideologia age à maneira de um verdadeiro câncer". Elaboram os filósofos do materialismo dialético --- cuja característica principal é a obstinação invencível, é a intolerável "teimosia marxista de ter razão contra os fatos" --- a abominável "teoria da violência", teoria cega e irracional que nos oferece, que nos propicia todo o horror de uma incessante perseguição à liberdade individual, que se cristaliza e se corporifica odiosamente no espetáculo abjeto e cotidiano de uma polícia especialmente criada, mantida e sustentada para servir aos interesses de um sistema político que não é senão opressiva dominação da sociedade, e cujos preceitos fundamentais, cujos princípios nucleares ou ~~característicos~~

regimentais não vacilam em mandar "prender, matar, fuzilar", mesmo que se trate da mais obscura e inocente criatura, ainda o mais humilde discolo, o mais infimo e inexpressivo discordante, o qual será pomposo e invariavelmente considerado, solene e teatralmente averbado de "inimigo capital do regime", adversário virulento e corrosivo da "ditadura do proletariado", demagogo vil e sem entranhas, reacionário capitalista altamente perigoso e nocivo à ordem da "sociedade sem classes", alma perdida, espírito "possesso" do demônio da reação e que deve, para a salvação de todos, para escarmento das gentes, ser morto, ser exemplarmente suprimido, sumariamente eliminado e lançado às "trevas exteriores".

Em tal regime de trevas, de escuridão moral, em que os dominadores e poderosos são orientados, verdadeiramente inspirados pelo "anjo das trevas", não há falar-se, de nenhuma forma, em policia liberal, "humana", jurídica, idealista. A obcecção pelo mal é ali profunda, radical, e pereniza-se na filosofia politica e social do maquiavelismo. É a sinistra, a trágica principiologia metafisica e doutrinária da opressão governamental; é o modo de pensar de DIONISIO, tirano de Siracusa; é morbus fatal e ideológico de LENIN e de sua tenebrosa corporaria, de sua pálida, vesga e magra coorte de hienas, de seu séquito frio e sanguinário de cultores ou idólatras de uma doutrina lúcida e selvagem, segundo a qual não é o homem senão mero "animal de produção".

Mas, fixemos melhor estes pontos, estabilizemos, com maior profundidade e nitidez, os postulados que informam, nesta matéria, o animalismo e a selvageria da cruel teoria da violência, cruamente proposta pelos impacientes adeptos e seguidores de MARX, o qual, consoante disse ALBERT CAMUS, foi "um dos maus gênios da Europa moderna", juntamente com HEGEL, NIETZCHE... Caracteriza, admiravelmente bem, este peculiar estado de espírito, ou típica posição da pregação marxista, o testemunho de um dos mais brilhantes publicistas de nossa época, escritor penetrante, marcado por notável maturidade e rica experiência, autor de páginas inesquecíveis e perturbadoras, repletas de sabedoria profunda, de emoção intensa, de fina e copiosa compreensão da natureza humana:

"É impossível promover uma política "humana" (substitua-se, no caso, a palavra política pela de polícia) sem recorrer, de um modo ou de outro, à violência, à coerção e ao terror. Os que querem conservar as "mãos puras", ou por outra, os políticos (pode-se ler os policiais) que não querem "sujar as mãos", que praticam apenas a moral das "intenções" guardarão talvez a consciência limpa de nada terem feito. PEGUY já dissera: "o kantismo tem as mãos puras, porque não tem mãos". (CHARLES MOELLER, op. e loc. cit.)

---Vil sofisma, enfezado e desprezível modo de raciocinar dos satânicos ideólogos e materialistas do marxismo! Capeioso raciocínio de doutrinadores frios e lúcidos, destituídos de qualquer nuance de sutileza que caracteriza os espíritos justos e delicados. Mas bem certo é que esta visão deformada do tema abre perspectivas importantes, desfralda argumentos essenciais, dignos de meditação para quem deseja fazer um estudo sereno e aprofundado da metafísica policial.

Prima facie, o policial idealista, "humano", platônico, no bom sentido da palavra, está, segundo pensam os marxistas, seguramente condenado à ineficácia, votado à esterilidade. Será um policial inoperante, omissor, ou de ação discreta, distante, remota. Não terá condições íntimas, disposições corretas, efetivas para cumprir integralmente a sua missão, que é, acima de tudo, a de preservar a ordem, através de continuos perigos e ameaças, a de lidar sem descanso com criminosos na maioria das vezes audaciosos e ferozes, a de tratar com celemos duros e obstinados, facinorosos sempre prontos a reagir e violar a lei, a perturbar e desequilibrar o edifício da ordem que a todo o custo deve ser mantida. É absolutamente quimérico, inteiramente vão o intento de querer "corrigir" criminosos impenitentes com jogos de silogismos e platonismos jurídicos, com jogos malabares de ilusionismo moral; a maior parte dos delinquentes é endurecida, surda às vozes da ética, aos conselhos do direito e da prudência, às exortações da religião. Tratand

os criminosos com blandícias, com cerimoniaosas deferências, sendo com ele "humano, demasiado humano", envolvendo esse tratamento com acentos delicados de cavalheirismo ou romantismo jurídico --- afirmam os duros discípulos de MARX --- o agente de polícia nada logrará alcançar de eficaz, de útil e proveitoso no combate ao crime e à defesa da ordem estabelecida. Tal agente será, sem sombra de dúvida, inevitavelmente, um profissional fracassado, demodé, fora de moda, desatualizado, um policial ridículo, uma pilhéria, um ser digno de riso, de piedade, de sarcasmo...

Em quanto a nós, qual será a posição que mais nos agrada sustentar na área dessa árdua e espinhosa discussão? Nossa posição é a mesma que temos resolutamente mantido desde sempre, isto é, a posição do estudioso idealista dos problemas policiais. Sempre temos dito e escrito que a ordem social pode ser assegurada, pode ser mantida e consolidada sem violência, sem nenhuma arbitrariedade ou truculência, sem o emprêgo de coações de qualquer tipo ou espécie (físicas, morais ou psíquicas, e químicas). Será sempre possível ordenar ou regular a conduta, a pauta vivencial dos indivíduos sem o auxílio de constrangimentos violentos, demasiadamente coativos e esmagadores da liberdade individual. A energia, a persuasão exercem, aqui, grande força, sendo inteiramente falso, especioso, o ponto de vista marxista; nisto, como em tudo o mais, a doutrina materialista de MARX é ilógica e fantasista (frige-se, de passagem, "MARX não era marxista").

Não concordamos, de nenhuma forma, que o policial, para ser afirmativo e forte, para ser autêntico e eficaz deva "sujar as mãos", deva conscientemente descambar para o arbitrio, semear violência no cumprimento do dever, praticar atos de selvageria na realização de sua missão, tornar o cidadão livre coato e encurvado sob o seu tacão de agressivo vingador social. A vingança pertence à lei, à justiça, nunca ao indivíduo, isolado ou coletivamente agregado.

Neste tópico, como em alguns outros mais, somos perfeitamente imunes e insensíveis aos dentes ou aos ferrões da crítica. Temos razões de sobra para rejubilar-nos, com a máxima alegria interior, com a defesa.

da tese liberal, idealista e democrática que esposamos. Não somos, desta sorte, atormentados pelas câibras morais que flagelam a turva consciência dos seviciadores, dos espancadores habituais, dos violadores inveterados dos direitos e garantias individuais. Não somos infratores dos direitos constitucionais do cidadão, da legislação democrática que rege os destinos de nosso País. Assim procedendo, seguimos, tão-apesas, os ditados solenes e diamantinos do logos abstrato e impessoal da lei, do contexto puro e extremo de injustiças da direito da moral e da justiça. Reverenciamos, formalmente, e cultuamos as franquias individuais, principalmente porque assim o determina o exercício da razão límpida e luminosa, embora não sejamos dos que se alistem entre os racionalistas glaciais, entre os cerebralistas impiedosos e duros.

A violência tenaz, constante, o ódio com violência, a expressão de decisão e de dureza, o rancor disciplinado e áspero fazem parte dos cultos comunistas. Os extremistas não são confraternais e sim sumamente individualistas; estão crispados pela tensão e pelo orgulho; este é o seu ritmo de vida, a sua fatalidade pessoal, da qual não podem escapar. O individualismo os obceca; crêem que os homens são máquinas; "querem fabricar revolucionários como FORD fabrica automóveis". Eliminam os companheiros quando estes já não são julgados necessários; são individualistas, embora digam o contrário, afirmando que "a consciência individual é uma moléstia burguesa", ou que "não há lugar no comunismo para quem quer, antes de tudo, viver no seu próprio eu".

Podemos asseverar, sem sombra de exagero, que toda a nossa vida policial tem sido um constante e infatigável combate à violência e aos idólatras da violência. Somos dos que sinceramente crêem que só a fraternidade cria e que a violência destrói, porque violência gera violência. O ódio não edifica; somente as obras criadas pela fraternidade podem durar... Depois a mais, nada há de mais imprudente do que a violência, seja ela organizada, sistematizada ou não; e a pior "política", que pode ser usada por um policial é a da tortura: torturando ou matando.

seviciando um prêso o policial, além de negar violentamente que a policia é uma instituição limitada pela lei e pelo direito, cria para si mesmo um curso dramático de acontecimentos:

Ao prender injustamente um suspeito prende, juntamente com êle, a lei... Ao torturar um prêso perverte-se, psicologicamente, juntamente com a vitima; adquire, assimila e incorpora as perversões morais de sua vitima. Ainda mais: o seviciador cai, fatalmente, nas malhas, na engrenagem da lei; enreda-se no mecanismo que precisamente nega: o mecanismo legal. O espancador esquece, talvez, um fato que é de capital importância para êle: não leva em linha de conta que ao seviciar alguém está preparando algo mau para si. Outra cousa se prepara naquêle momento: um processo criminal. Um processo e ruina...

A própria lei penal, vigente em todos os países cultos, aceita os costumes brandos em relação aos delinquentes; as penas criminais humanizam-se por tôda a parte; a pena de morte é abolida pela maciça generalidade das nações civilizadas. O humanismo, a fraternidade jurídica e penal impera entre os juristas da democracia, causa comoção em todo o mundo ocidental. Escrevendo sobre a pena capital disse ANNIE BESANT:

"Quem admitir o principio da fraternidade não pode na verdade sustentar e defender êste gênero de castigo. Talvez alguns de vós se recordem daquelas palavras dum francês gracioso: "Que os senhores assassinos comecem." Mas é dos níveis superiores que deve vir o exemplo e não dos níveis inferiores. Não podeis esperar que o vosso assassino respeite a vida humana se, segundo as vossas leis, lhe ensinais que o assassinato encontra o seu castigo noutro assassinato. Sim, ~~que~~

é certo, um é passional, o outro é légai; mas se a lei não ensina o respeito da vida humana, como quereis que o criminoso, escravo das suas paixões, seja levado a ter respeito?" (NNIE WOOD BESANT, "O Mundo de Amanhã", trad. port. de Fernando de Castro, Ed. Teixeira Filhos, Pôrto, 1926, p.130).

Torturar prisioneiros é portanto demonstrar intenso "pouco caso" pela vida humana; desrespeitá-la, ao ponto de suprimi-la, é então inconcebível, impensável... Além do mais, em muitos casos, a tortura não possui nenhum sentido prático: as confissões por ela obtidas não têm valor jurídica, salvo se encontram compatibilidade e harmonia com outros elementos de prova. Ainda mais: torturar "ao acaso" o prisioneiro pode levá-lo a contar mentiras e lançar o torturador em pistas falsas...

Não podemos ser colhidos ou pilhados na chocante, na estri-dente contradição espiritual de muitos --- isto é --- de muitos que são democráticos no papel, liberais teóricos, mas que, no fundo e na prática, no terreno da realidade, agem como cruéis nazifascistas e impiedosos comunistas. Fazem afirmações verbais, afirmações gratuitas, quando dizem professar crenças democráticas, visto que, ao serem lançados na ação, essa "democracia de fachada" se traduz e se converte na mais negra e sinistra negação da dignidade humana.

Não padecemos as tensões, as crispções de tal tragédia moral e espiritual. Se propriamente não somos heróis, somos, pelo menos, fiéis partidários da permanência definitiva entre nós do Estado democrático, sobretudo quando é ele conceituado sob uma preciosa e fecunda rubrica ou feição de ESTADO-PROVIDENCIA, tal como é ele aplicado nos super-desenvolvidos países nórdicos ou escandinavos. A esse respeito são dignas de atenção as palavras de um grande escritor católico contemporâneo:

"É necessário tender para um tipo de sociedade onde o Estado proteja os cidadãos bem mais do que os governe: precisamente a doutrina da Igreja na matéria. Quanto mais a humanidade se

santifica, menos se tornam necessárias as coerções sociais, os constrangimentos, porque mais interior se torna o impulso para o bem. Deus (paternalmente) não quer prosternamentos de escravos, mas o olhar leal de um homem livre que ama seu Pai."

"A força de Deus jamais Ele a impõe às criaturas; Deus "o Ser absoluto", não impõe sua força, senão que a dá, a comunica (CHARLES MOELLER op. cit., ps. 90 e 273).

Esta é, em linhas gerais, a atitude da Igreja em face da violência estatal, exercida sobretudo pela Polícia, quando entregue à sua tarefa de dominação interna da sociedade política. Atitude, evidentemente, moderada, intermédia, ao mesmo tempo que racional e progressiva. Atitude, enfim, que sai, por completo, dos duros esquemas mentais das certezas marxistas (meras opiniões materialistas, como vimos). A Igreja enfrenta e combate, com denodo, o pensamento marxista; os marxistas instalam-se em hábitos de pensar e de sentir esclerosados, endurecidos em esquematismos unilaterais, arcabouço intelectual pacientemente elaborado, porém falso, procurando resolver as mais graves questões com "o mero socorro da inteligência matemática", colocando sons ou palavras no lugar das coisas, substituindo realidades por ficções, doutrina, enfim, em que "a palavra cria a coisa".

A dialética da Igreja, invejavelmente sábia, brilhantemente sensata, em relação ao cruciante problema da autoridade e da liberdade consiste em permanecer no meio-térmo, no justo meio aristotélico, pensamento central que, em resumo formosamente abreviado, traçado em enunciados lapidares e castiços, é o que se segue:

"A negativa do ódio, seja qual for a sua justificação, está... na mesma linha da doutrina cristã sobre a sociedade temporal. (...) Porém, enquanto estivermos neste mundo, um certo minimum de autoridade, e portanto de coerção, ~~substitui a liberdade reduzida ao mais baixo grau~~

subsistirá. Embora reduzido ao mais baixo nível, ele subsiste, pois o cristão sabe que só no mais-além "tôdas essas coisas terão desaparecido". É portanto inevitável que temos de fazer "violência" aos outros. Infelizmente devemos dizê-lo: a injustiça parece estar tão à vontade neste mundo, que revoluções, "justas" sempre serão possíveis, e até mesmo desejáveis. Haverá sempre, pelo menos em teoria, guerras justas, e em certos casos impõe-se a pena de morte" (CHARLES MOELLER, op. cit., p. 91 - o grifo é nosso).

Ai temos, sem dúvida, num esquematismo impecavelmente bem debuxado, numa sinopse indisputavelmente bem resumida, elaborada por um hábil e alto espirito e que se revela ao mesmo tempo ser mestre exímio na difícil arte de maleabilizar conceitos, a solução cristã para o problema da violência, para a dramática e espinhosa questão da liberdade individual relacionada à autoridade estatal. Solução, na verdade, não propriamente cristã mas católica, sustentando e veiculando um princípio de validade universal (acentue-se, en passant, que o valor ecumênico dos ensinamentos da Igreja decorre, diretamente, do próprio termo grego katholicon, que significa "universal").

Mas, vejamos bem, sejamos compreensivos e cordatos; condescendamos, eu e o leitor, em analisarmos a matéria não com a lucidez do olho hostil mas com a clarividência do olho cordial. Tal era, por que assim o digamos, a forma de exame que mais agradava aos gregos risonhos e benévolos da antiguidade, amáveis e metafísicos inimigos da violência tanto física ou material quanto moral ou mental. Prega a Igreja uma doutrina moderada, calcada no in medio virtus de ARISTÓTELES, e daí sai para justificar uma violência temperada, para justificar até a pena de morte. Vimos isso no texto acima citado, onde igualmente se diz que, neste mundo, é inevitável que se faça "violência aos outros". Assim, da mesma forma que "sempre haverá pobres entre

vós", como nos enfatizou CRISTO, sempre haverá de existir violentos na humanidade, tal como se o crime fizesse parte dos planos de Providência Divina, como se a violência fôsse querida de Deus para a realização de seus fins, sendo de suprema necessidade que se castigassem os desobedientes que se punam os recalcitrantes, curvando-os, dobrando-os até o chão...

Entretanto, por favor, senhores, amigos ou inimigos da tese romântica, da tese mística da liberdade individual, pensemos nisto: é para causar escândalo, é para provocar funda comoção o ponto de vista que sufraga a racionalidade e a necessidade da violência, que defende como necessária a dramática imposição do arbitrio injusto em certas oportunidades práticas da circunstancialidade humana, não hesitando em descer ao extremo --- horresco horrens, horribile dictu --- de encontrar justificativa para a pena máxima. Como se para a pena de morte houvesse jamais qualquer razão justificadora, como se para a pena eliminadora fôra possível achar-se, para fundamentá-la, qualquer argumento importante, qualquer motivo definitivamente claro, decisivamente objetivo e que refletisse um juízo perfeito, inatável, baseado em termos suficientes e absolutos. Jamais se provará a necessidade da pena de morte, como jamais se provará a necessidade da violência, seja lá para o que fôr; o homicídio legal, o homicídio praticado pelo, foi e continuará sendo uma aberração selvagem.

A vida humana é sagrada, é de essência única e inviolável, e não poderá ser livremente suprimida nem abertamente lesionada pelos golpes da violência, seja esta nascida do arbitrio individual ou da arbitrariedade estatal. Tal supressão da vida, tais lesões da violência são justamente capitulados como crimes, como violações do ordenamento jurídico da sociedade.

O homem deve ser respeitado:

"Fazer surgir o homem eterno dos despojos mortais do homem civilizado é, na terra, a tarefa mais elevada." (STEFAZ ZWEIG).

O homem é digno de apreço:

"O mais vil dos homens leva consigo seu se-
grêdo de sofrimento eficaz e purificador..."
(GEORGES BERNANOS).

O homem é uma fôrça:

"Que ninguém se compadeça do que é desprezi-
vel,

Pois eis aí uma fôrça, diga-se o que se dis-
ser." (GOETHE).

Em si mesmo já ^é o homem um alto valor expressivo:

"Nadie es más que nadie porque por mucho
que valga um hombre nunca tendrá valor más
alto que el valor de ser hombre." (ANTONIO
MACHADO).

No mesmo sentido:

"O catolicismo persuadiu-me de que não de-
via considerar desprezível o individuo algum,
por mais deserdado que fôsse." (RENAN).

Há nobreza no homem mais humilde:

"Que eu seja cão ou chacal, ou formiga, nos
últimos rudimentos da natureza, sob não impor-
ta que tegumento ou que ferocidade, agarro-me
ao direito, como à segura escada que faz su-
bir para o homem ou para Deus." (Legenda da
Sabedoria Hindu).

Há grandeza no homem:

"...graças a FREUD, percebemos pela pri-
meira vez num sentido nôvo e ativo a impor-
tância do individuo, do valor único e insub-
stituível de cada alma humana." (STEFAN
ZWEIG).

Cada homem encerra o resumo da raça inteira:

"Será que a vida do individuo não vale tanto quanto a de toda a raça? Cada homem isolado é um mundo completo, que vive e morre ao mesmo tempo que ele, e cada pedra tumular cobre uma história universal." (HEINE, Impressões de Viagem).

Ainda sobre o valor da vida:

"---Aprendi também que uma vida nada vale, mas que nada vale uma vida..." (Pensamento de Garine, personagem principal de "Os Conquistadores", romance de ANDRÉ MALRAUX).

Conservar a vida, eis o que é importante:

"Compreendemos que, por mais desgraçada que seja ela, a vida de um homem carrega uma qualquer missão que está somente nos designios da Providência." (ALVARO LINS).

Sobre a importância fundamental do homem:

"Cada homem é, com efeito, único e insubstituível; não pode haver outro eu; cada um de nós --- a nossa alma, não a nossa vida --- vale por todo o Universo." (MIGUEL DE UNAMUNO).

Ser obscuro não é razão para humilhar o homem até o chão:

"Não há nem haverá ninguém nesta terra, que tenha caído tão baixo que esteja fora do alcance do amor infinito de Deus." (MICHEL QUÉRET).

Não há razão para desprezar o homem:

"O mais humilde de nós trás em si o infinito
(ROMAIN ROLLAND, "Jean-Christophe, Les Amies

Finalmente, sobre a sacralidade da vida:

"Todas as vidas são sagradas, e sem uma grande e vasta compaixão por tudo e por todos, o verdadeiro progresso é uma burla." (C. M. LEADBEATER).

---Jamais concordaremos com uma doutrina que prega a teoria da violência, mesmo moderada, mesmo diluída ou adoçada em razões, por assim dizer, nascidas de "felizes ilogismos", brotadas de intencionalidades puras e elevadas, visando a defesa do bem comum, a salvaguarda dos interesses públicos ou da coletividade. Entendemos que não pode haver defesa da sociedade através ou à custa do sacrifício do direito individual. Qualquer violência, qualquer constrangimento ou coação, draconianamente imposto ao indivíduo, é de molde ou de feitio a horrorizar a consciência jurídica livre e democrática. Nada mais transparente, nada mais diáfano e cristalino do que esta supremacia do direito, este império da moral sobre as razões extra-legais, buscando justificar ou legitimar violências. Ninguém poderá violar a lei a pretexto de cumpri-la. Os filósofos da democracia, os juristas liberais assim o dizem, e dizem bem; nós estamos decididamente com eles nesta matéria, estamos resolutamente ao lado deles, porque, num regime de violência, seja sistemática ou seja aplicada apenas em determinados casos, não será mais possível que se respire o oxigênio puro da liberdade. Não há meia-liberdade e sim liberdade por inteiro.

Formalmente, não podemos contestar um postulado de uma doutrina que não se vexa em pregar a aplicação da pena extrema, a pena de eliminação do indivíduo, sob o color de garantir a ordem pública. Tal concepção é inadmissível frente a uma consciência liberal, em face mesmo da mais obtusa e granítica sensibilidade jurídica. Uma consciência humanitária e justa, um espírito genuinamente confraternal, elevado e sinceramente humanístico decerto encontrará dificuldade para regressar de seu pasmo, para voltar de sua surpresa ao ver a defesa de uma idéia tão nefasta, idéia que somente encerra horror, ou melhor, todo

o terror que contêm certos conceitos miseráveis e lúcidos da razão abstrata insensível e fria.

A teoria da violência é o ódre da mentira, o óvulo do erro. Teoria pérfida, falsa, enganosa. Tese desumana, irracional, selvagem. E --- palavra! --- se porventura acalentarmos, como creio que realmente acalentam, os leais e verdadeiros amantes da Liberdade, os genuínos gonfaloneiros da Democracia, os portadores de um puro e diamantino ideal de humanidade e justiça, ideal que os leve a proclamar com sinceridade absoluta: "nunca haverá qualquer cidade temporal ou terrestre que justifique as "injustiças" tidas como atualmente necessárias" --- então é seguramente certo que estaremos com a Verdade, é positivamente exato que estaremos pisando com desenvoltura e com dignidade o terreno puro da Verdade. A cidade já não será tão infeliz que até do mal precisará para viver; "a cidade --- diz o "comissário" Garine, em "Os Conquistadores", de ANDRÉ MALRAUX --- "a cidade é o sociedade"; que há de mais social no mundo, o próprio emblema da ~~cidade~~ ^{sociedade} pois ~~há~~ fazer com que a cidade não tenha a "fealdade inquietante e aguda dos mortos", que não seja um teatro de dramas, de brutalidade e de sangue. Assim pensando e assim sentindo é bem certo que estaremos decididamente dentro da esfera do verdadeiro mundo jurídico, dentro dos esquemas preciosos do autêntico e substancial universo do direito e da justiça. Estaremos dentro da realidade, e não vagando como sonâmbulos nas nébulas da metafísica, nas neblinas da fantasia, muito embora, em tal caso, filosoficamente falando, segundo o entendimento dos tiranos totalitários do atual momento histórico, apenas estaríamos falidos para a política. Porque --- dizem eles --- sem violência não há êxito em política; sem a brutalidade, organizada, sistematizada, haverá certamente o eclipse da política estatal; privado da violência, pensaria o ditador: "Em estrita lógica, deveríamos renunciar a qualquer atividade política."

Os chamados "partidários da ordem" --- ordem de penitenciaría, ordem dos cemitérios, existente nos países sem liberdade e que por isso são vastas necrópoles de consciências --- costumam afirmar, confirmadamente, com sua habitual cegueira intelectual: "A autoridade

é um mal necessário", e deve ser tomada muito a sério e com gravidade, "mesmo quando se engana". Segundo essa compreensão, nada é mais sagrado do que o decreto do alto, do que o diktat da autoridade constituída: a ela deveremos ser dócilmente submissos e obedecer sempre. Não podemos deixar de cumprir os veredictos das autoridades, de aceitar as suas decisões, sejam elas quais forem, ainda que --- como escreve BERNARD SHAW --- "as autoridades em nada podem pensar senão em continuar uma rotina estabelecida", sendo, muita vez, obtusamente fíeis a tradições caducas. Em suma, a "ordem" é sagrada e deve ser mantida a qualquer preço: tal é a vontade do Senhor --- a vontade jurídica de Deus. As culpas, os erros, as omissões, os enganos da autoridade, por mais graves que sejam, por mais que venham ferir os direitos do indivíduo, devem ser apreciados e julgados no outro mundo, devem ser pesados pela justiça de além-tumba, pela inflexível justiça além-tumular, justiça que, segundo a palavra evangélica, exige severa prestação de contas e que rege, com imparcialidade absoluta, o governo da cidade celeste, da Jerusalém eterna.

Senhores: bem amargo é o desdém do individualismo romântico e jurídico pela tese absurda da violência, da brutalidade aplicada mesmo em casos de exceção. A violência é insensata mesmo em casos esporádicos; a brutalidade é injustificável mesmo quando raramente aplicada. Estamos muito longe de podermos compactuar com essa cruel e ominosa doutrina, ainda mesmo quando ela seja tida como necessária para defender a comunidade ameaçada, na eventual ocorrência de casos a-priori considerados graves. Simplesmente, para os que se alimentam das lições do direito puro, há uma impossibilidade metafísica em ser essa doutrina entronizada no centro da filosofia da democracia. A fé ou a crença nos benefícios da violência só pode ser admitida pelos que se nutrem dos alimentos impuros do despotismo, dos que votam um ódio profundo e estéril à liberdade e aos direitos da pessoa humana. Tal crença é, sem dúvida e para exemplificar, semelhante à crença que jazia na base do "ódio teológico" de CALVINO, inimigo visceral e incurável de tudo quanto transparecesse alegria e graça, de tudo que fôsse amável e gracioso, adorável e juvenil. Crença que foi, também, o alicerce sobre

o qual se ergueu todo o rancor, toda a vingativa agressividade de CATÃO, o Censor, adversário nato e sombrio das gentis e encantadoras independências do espírito humano, das delicadas fantasias da alma livre, não hesitando, em sua ferocidade íntima, em ser o condenador do próprio filho!...

A violência nada mais é do que uma horrível cacofonia procurando trinear o harmonioso edifício do direito, fender o equilibrado cosmos jurídico. A linguagem da violência é desarmoniosa, constantemente dura e áspera, ferindo gravemente os ouvidos apurados e sensíveis do jurista liberal. O que realmente seduz os ouvidos do filósofo do direito é a voz da equidade, o timbre da justiça, temperados ambos de bondade e cordura, até mesmo de misericórdia. O que ~~come~~ move no empolga no mundo do direito e da justiça é a benevolência, a tolerância, a fraternidade. A violência, qualquer que ela seja, é a frontal negação da mensagem cristã, é a palavra rude de Caliban contra o verbo aéreo de Ariel; é a contradição viva da palavra de CRISTO, o verbo sublime e prodigioso da serenidade, da verdade e do perdão.

Os violentos são infratores da beleza moral da existência. A brutalidade buscam aniquilar os aspectos morais da justiça. São flamas, fantoches chamejantes que tentam destruir a pureza ética da vida. São os que GRAHAM GREENE denomina "os partidários da ordem", cuja silhueta moral e cujo perfil psicológico foram admiravelmente recortados na parede da realidade por um nobre teólogo católico contemporâneo:

"Há seres que voluntariamente fecham os olhos diante da realidade trágica da existência; há-os que colaboram com todas as suas forças na manutenção de uma "ordem" aparente. São os "partidários da ordem", segundo GREENE os mais ativos auxiliares do demônio, porque uma ordem aparente é pior que a desordem. Esta tese, que alguns tacharão de "romântica", compreende-se, facilmente, se pensarmos na "casta numerosa que quer, nas circunstâncias mais

miseráveis da vida cotidiana, que "seja dada força à lei". (CHARLES MOELLER, op. cit., p. 298).

Temos aí a figura do sombrio "partidário da ordem", o sinistro personagem que "encarna a fria crueldade de um mundo que persegue os criminosos com um implacável "espírito de continuidade". Espírito duro e implacável, como o de Javert, símbolo hugoano do anti-policia! por excelência, não propriamente visando os supremos interesses da justiça mas exercendo uma atividade que busca satisfazer o mais profundo impulso de agressividade do indivíduo. Tal atividade é mantida não como luta intrépida pelo direito, pela lei e pela justiça mas sim para dar vazão aos impulsos de um idealismo selvagem:

"Quando o partidário da ordem julga estar servindo uma causa sagrada, transforma-se em fanático." Tenta, então, "desesperadamente acreditar no paraíso terrestre que o Estado promete aos cidadãos..." Aí temos, visivelmente, "a mer tira dos totalitarismos políticos atuais." (CHARLES MOELLER, op. e loc. cit.).

Nisto reside o drama do "partidário da ordem", ordem que se não consegue impôr sem o emprego da violência tecnicamente organizada, da brutalidade cientificamente preparada. Aí está a tragédia ética e psicológica do "policia! violento", policia! a um tempo primitivo e científico. O policia! violento é um produto da barbárie cientificamente organizada: "Agarra-se à sua missão como um afogado se agarra à última bóia." --- "Emprega palavras grosseiras com o fim de se impor aos outros, sobretudo de se impor a si mesmo." --- Ao fim e ao cabo de tudo, subjugada a vítima pela truculência inata de sua índole, ou através de posturas artificiais adquiridas e endurecidas em longos hábitos, "ficará certo de ter cumprido o seu dever, de ter contribuído para livrar a sociedade de um indesejável." (CHARLES MOELLER, op. cit., p. 299).

Frisemos, por derradeiro, que um homem espiritual, um ser ético e religioso, na acepção cristã do termo, jamais ostentará, no imenso

e agitado palco dêste mundo, uma consciência cloroformizada ou anesthesiada pelos pesados e turvos vapores da crueldade, pelas maléficas sugestões da violência contra seu semelhante. Uma nobre criatura, um ente polido pelas cálidas inspirações da fraternidade, jamais cairá nas odiosas deformações da violência; impedem-no de encolerizar-se e nesse estado ferir seu semelhante sua religiosidade natural, sua espontânea caridade, seu fraternal senso de equidade, seu sentimento de justiça. Se houver respeito pela dignidade essencial do ser humano estará, eo ipso, afastada a hipótese da violência; a violência será mera possibilidade, seca, morta ou subjugada nas profundezas submarinas do inconsciente individual, jamais subindo à tona ou à superfície das ações conscientes. Por outro lado, é absolutamente impensável o conceito do cristão violento; é unicamente inconcebível o consórcio, a osmose entre violência e cristianismo, religião superior que por vezes pode ser enérgica porém nunca violenta.

Como não podia menos de ser, a religião criva de setas a violência, seja ela gratuita (dada de graça, em forma de iniquidade ou crueldade imotivada), seja ela considerada "necessária" Hesámage da sã verdade, essa pretendida "necessidade" filosófica da violência é tanto assunto para rir como para chorar; somente através de um enorme e grotesco lapsus calami poderá tal "necessidade" ser defendida como sendo uma imposição necessitante da realidade física ou moral. Não há argumento para coenectar ou justificar qualquer tipo de violência; o que poderão existir são razões para impor a "energia", a "ira sagrada" admitida pelo cristianismo. A posição justa da criatura moral do ser sério e religioso --- "bastante inteligente e mentalmente estável" --- é a de sustentar uma oposição mais que diametral à qualquer manifestação irracional de ira, a de manter uma hostilidade profunda à tendência de praticar qualquer ato que possa vir lanhar a humanidade do individuo, ainda mesmo que este individuo seja portador de "criminalidade notória", ainda que esteja ele profundamente enviscado na facticidade criminal. Porque, na verdade, um bandido, um celerado não perde sua humanidade, não se torna um ex-homem, da mesma forma que uma mulher

prostituta não é a ex-mulher, ser que possa ser espezinhado e votado ao escárnio e desprezo de todos.

A atitude das religiões superiores em face do brutal e desumano fenómeno da violência é firme, forte e característica. Ao propósito escreveu um dos mais notáveis e originais psicólogos de nosso tempo; ampliando as sínteses mentais que acima apresentamos, sínteses na verdade muito imperfeitas, de nenhum modo satisfatórias:

"As religiões pregam uma outra autoridade oposta à do mundo. A doutrina da dependência do homem em relação a Deus tem sobre êle uma ação tão absorvente quanto a do mundo."

"O crente, por outro lado, embora admitindo ter o Estado exigências morais e materiais, professa a crença de que não só o homem mas também o Estado que o governa estão subordinados ao domínio absoluto de Deus e que, em caso de dúvida, a decisão suprema será tomada por Deus e não pelo Estado."

"O Estado não pode tomar o lugar de Deus. C. J. JUNG, "O Eu Desconhecido", trad. bras., Ed. Fundo de Cultura, Rio, 1961, ps. 31 e 33)

A violência --- que o crente, o homem essencial, o homem vigorosamente religioso repele com náusea --- é a base, o alicerce do mundo fenomenal do despotismo ou das ditaduras. Violência sobretudo praticada pela policia politica, muito mais que pela policia de segurança. É tendência fundamental dessa policia ditatorial considerar o individuo mero átomo sem expressão, simples quantidade metafisicamente e humanamente negligenciável. Segundo a concepção do Estado policial, o individuo é socialmente nada, é simples quantidade estatística, ou dizendo de outro modo, "o individuo transforma-se na unidade social de número tal". "O Estado ditatorial (evidentemente através de seu instrumento de terror policial, engenhosamente montado) "nunca deixa de

providenciar o terror necessário". Em tais regiões de horror organizado, técnicaamente espalhado e difundido em toda a população, o homem interior, o homem como ser pensante é inteiramente suprimido. A ditadura é ferozmente dogmática, drasticamente disciplinada, rigidamente ordenada e seu escopo derradeiro realiza-se primeiramente abolindo a vontade e a consciência individual. O pensamento livre do homem não trará senão a debacle do regime ditatorial, fará em pedaços toda a pesada engrenagem do Estado. A livre reflexão traz o poder de provar ou de demonstrar que o Estado despótico é um Estado de comédia, que o ditador, é um fantoche, um protagonista de "opéra bufa", um "César de Carnaval". A tirania estatal repousa numa tenaz, constante violência. "Dirigir, Determinar. Obrigar." Ainda mais: "O Estado exige entusiasmo, auto-sacrifício e amor." O indivíduo fica "privado das fundações metafísicas de sua existência." É o mundo do absurdo, da falta de sentido da generosidade humana, das "vidas emparedadas". "É a exaltação estúpida da disciplina." A rigidez do partido frio, sem alma, cheio de decisão e de dureza. "Coragem, nenhuma idéia de dignidade, e ódio..." -- tais os ingredientes do partido fanático.

"Um Estado desta espécie não tem como temer crises sociais ou econômicas. Enquanto sua força estiver intacta --- quer dizer, enquanto dispuser de polícia militar bem disciplinada e bem alimentada --- pode manter sua existência por um período indefinidamente longo e pode continuar a desenvolver o poder numa escala infinita." (C. J. JUNG op. cit., p. 42).

Um pormenor existe, nesta análise, digno de realce: "Há sempre pessoas justas e sinceras para quem a mentira e a tirania são odiosas; porém, não se pode saber se exercem influência decisiva nas massas sob os regimes policiais" (idem, p. 43).

Oscila, trágicamente, o homem moderno entre dois polos: ou

"renunciar a seu direito eterno de liberdade", caindo sob a hipnose da massa anônima e sem rosto, ou conservar seu "igualmente eterno dever de responsabilidade pessoal", dilema este que é dramaticamente colocado por JUNG. Mas --- como diria KIPLING --- esta é outra história...

Senhores, isto é tudo. Era o que tínhamos a dizer sobre este tema da violência, flagelo dos povos, das gentes, das nações...

É um fato trágico, evidente, que a sociedade atual está infestada de personalidades psicopáticas, de doentes mentais, de delinquentes adultos e juvenis, de gente emocionalmente desequilibrada, de milhares de pessoas com desvios de ^{comportamento} ~~supernormais~~ (condutopatias), todos constituindo, en bloc e de per si, sérias ameaças ^{ao sossego e} ~~à existência~~ bem-estar da comunidade.

De quem é a culpa desses males, dessa tragédia?

Podemos responder, sem medo de errar, que a culpa, em grande parte, é devida aos pais, pode ser atribuída às deficiências da educação paterna.

É preciso reconhecer, lealmente, que esta questão não é frívola, não é um divertimento. Exige reflexão, amadurecida reflexão.

O filho indigno é mais que um reflexo, é um vivo retrato dos pais. Os pais, em sendo virtuosos, pessoas de bem, exaltam e fortificam as almas dos filhos. As melhores virtudes, no consenso dos antigos, são sabedoria, coragem, temperança, domínio de si, justiça.

A educação é uma tentativa para coibir as desordens da alma, para temperar ou esculpir o caráter. "É a educação que dá forma ao homem normal e o adapta à sociedade", disse Albert Rivaud, Membro do Instituto de França.

É ilimitado o poder da educação. A boa pedagogia é a baseada na razão. A má pedagogia pode levar a insensatos resultados. Segundo Platão, cabe aos filósofos e aos políticos formar uma boa ^{classe de} ~~existência~~ cidadãos. Os pais, também, devem premunir os filhos contra a fraqueza.

~~xxx~~ "Platão revela, como a maioria dos gregos, uma extraordinária confiança no poder da educação. Há, sem dúvida, almas que são refratárias ou incapazes; mas uma alma normal, tornar-se-á boa ou má, segundo as lições que recebe, segundo os exemplos que a sociedade lhes dá." Não temos o direito de achar ^{ridícula} ~~ingênua~~ esta admiração ingênua pela pedagogia, pela força da educação. "A experiência destes tempos de crise já nos mostrou que é possível criar monstros morais graças a uma educação apropriada. Platão entreviu o perigo de uma fabricação,

em série, de criminosos, previu também --- desgraçadamente --- uma derrocada total dos valores morais. Em todos os homens, os instintos destruidores pouco esperam para acordar. O germe do crime continua a existir nas almas, se a educação não o destruiu. É difícil tarefa destruir este germe e ela deve ser realizada com cuidado, pois é mister não aniquilar, na criança, o entusiasmo e o fervor que a levam para o Bem. É mister excitar uns, calmar outros, deixar intatas, disciplinado-as, todas as forças da vida." Albert Rivaud.

Mas, falemos de corrida, acerca da culpa e responsabilidade dos pais no tocante aos devios de conduta dos filhos.

A maneira mais radical de aniquilar o caráter do filho é dar-lhe, em casa, no lar doméstico, a influência incessante e corrosiva do mau exemplo. O mau comportamento dos pais mina, lentamente, de maneira inexorável e profunda, a boa formação moral dos filhos.

Não é exata nem verdadeira a opinião geral de que os pais, natural e automaticamente, amem os filhos; porque eles, muitas vezes, os desamam, os rejeitam.

O ambiente paterno, em grande número de vezes, é antipático aos filhos, provocando distúrbios nervosos, desequilíbrios, neuroses. Escreveu a Doutora D. Greenald, de Londres: "Grande parte das enfermidades de que a nossa sociedade padece, em particular, o crime e a neurose, é diretamente imputável a algo que ~~estava~~^{correu} mal no seio da família. É muito necessário que os pais aprendam a criar os filhos com sabedoria e amor, e a sentir que se trata de uma tarefa de supremo valor social."

As neuroses adultas são o resultado dos conflitos psicológicos que as crianças sofreram na primeira infância. Numa palavra: as neuroses são frutos da má educação infantil.

Os pais muitas vezes nem mesmo querem ter filhos, ou se contentam apenas em ter um ou dois filhos, não mais. "Com frequência, tratam-nos como seres importunos a domesticar, (consideram-nos como "mamíferos insuportáveis", como disse Pitigrilli), ou pedaços de barro ~~em~~^a modelar na fôrma de que for da preferência paterna. Os pais tanto podem odiar quanto amar os filhos. De fato, os pais não é raro estarem sob uma tensão emocional demasiado grande para que possam lidar calma e estavelmente com os filhos." Harry Guntrip.

Amor de pais e filhos caminham

Amiude pais e filhos caminham cambaleando, prejudicando-se mutuamente. Caminham, como se diz, aos trancos e barrancos, às upas e às tontas, não se entendendo jamais uns aos outros.

O próprio amor, no lar --- amor cego, ignorante --- serve para danificar as relações entre pais e filhos. "Sem dúvida, quando os pais não fornecem a compreensão e segurança emocionais exigidas pelos filhos para um desenvolvimento não-ansioso e autoconfiante, é porque os próprios pais sofrem de ansiedades e inseguranças profundamente radicadas."

A obra (genial e pioneira) de Freud revela e demonstra, claramente, o quanto "pais e filhos estão intrinsecamente vinculados uns aos outros, numa cadeia de complexos problemas emocionais que não podem compreender, e ao logo da qual só podem progredir aos tropeções, avançando juntos às cegas." Harry Guntrip.

Crianças nascem em lares favoráveis ao seu crescimento, é claro; porém, quantas crescem em ambientes nocivos, desfavoráveis? Milhares delas desenvolvem-se em lares ou em ambientes domésticos realmente maus. "O medo é a mais perigosa de todas as emoções que se possam despertar numa criança." Harry Guntrip.

Ainda há mais: "Um pai sarcástico ou crítico, uma mãe repreendedora e geradora de culpa, farão uma criança crescer muito mais insegura sobre si própria do que muitos se apercebem. Os pais, com frequência, aliviam suas próprias ansiedades e tensões gritando com os filhos, jamais dando atenção ao medo estampado no rosto da criança".
--- "Ainda é bastante frequente vermos deixar os bebês chorando sozinhos, num estado de terror, e a desculpa superficial é esta: "Faz-lhes bem chorar. Devem exercitar os pulmões!"

"Outro ~~grande~~ ^{grande} e grave erro é haver pais que não parecem entender a necessidade que um frágil bebê tem de que falem com ele, lhe mostrem um interesse pessoal, o ajudem em seus primeiros passos para estabelecer relações humanas, respondendo aos agradáveis e divertidos sons das vozes dos pais, aos seus sorrisos e carícias. A desculpa é que se dermos excessiva atenção ao bebê, o estaremos mimando e ele exigirá cada vez mais. Mas se o privarmos dessas vitaminas do crescimento da personalidade, certamente o bebê perderá a sua oportunidade de se desenvolver e converter numa pessoa felizmente socializada, amigosa e cooperante." Harry Guntrip.

O bebê, não sabendo falar para pedir nada, quantas vezes não chora e se debate, com fome e com sede, sem que ninguém lhe dê água e comida!...

O sofrimento do bebê é algo parecido ao do louco e do selvagem, que não possuem meios de exprimir o que sentem, o que necessitam...

Muita gente pensa ou supõe que entende a natureza humana por uma simples questão de senso comum. Quer dizer, imaginam que simplesmente por serem humanos entendem os humanos. Aham que assim deve naturalmente ser. Identicamente, "é a idéia geral de que qualquer pessoa pode ser pai ou mãe, sem se ter dado ao trabalho de compreender as crianças."

Para ser bom pai ou boa mãe é preciso o aprendizado de certas técnicas, de certa disciplina. Em conjunto é o que chama de PUERICULTURA.

Quantos pais e mães sabem o que é isso, o que é puericultura?

"Criar ^{os filhos} ~~filhos~~ tem sido levianamente considerado pela nossa sociedade como algo que qualquer pessoa pode fazer sem precisar de um treino especial" --- disse, com razão, a Doutora D. Greenald.

A criança é um ser complexo e delicado. "Ninguém se atreveria a colocar uma complexa e custosa máquina nas mãos inexperientes de uma pessoa de pouco treino em manejá-la. Contudo, é isto o que se faz em relação às crianças. A maioria dos pais jovens não tem conhecimento algum a respeito de seus bebês, nem sabem como criá-los e educá-los.

"Em princípio, é inútil e errado censurar os pais, visto eles próprios serem produtos das tensões sociais e pessoais que perpetuam; e ao tratarem com os filhos apenas refletem os danos que a eles próprios foram causados." Harry Guntrip.

São temíveis as pressões do meio ambiente sobre a criança. "Conheço casos --- escreveu Harry Guntrip --- em que a mãe orientação paterna, em relação aos filhos, teria distorcido a constituição mais férrea." Distorsões de toda a personalidade para os caminhos do ódio, culpa e incapacidade de amar, não obstante a presença constante de uma intensa necessidade de amor.

"A nossa vida de família está repleta de ódio." Um pai sarcástico passa como uma geada sobre o entusiasmo do filho.

"Não existe um só bebê humano, seja qual for a solidez hereditária da sua constituição, que não seja vulnerável ao medo; e se demasiado medo for suscitado no bebê, excessivamente cedo, a sua luta para dominá-lo desvirtuará sua personalidade e impeli-lo-á para uma certa forma de doença ou de relações humanas antissociais." É o ensinamento de Harry Guntrip, notável psiquiatra inglês da atualidade.
